



Mônica Sodré Pires Sexo

Universidade de São Paulo (USP)

País: Brasil

Nacionalidade: Brasileira

28 anos, brasileira, professora, graduada e mestre em Ciência Política e atual doutoranda em Relações Internacionais pela Universidade de São Paulo/Brasil. Tenho experiência em pesquisa, docência e terceiro setor e atuo como consultora voluntária de organizações não governamentais na área de política e sustentabilidade, Ajudo na construção de um futuro melhor para a América Latina compartilhando conhecimentos sobre política e educação política com jovens e adolescentes em vários locais do Brasil por meio de cursos abertos.

Como construir um futuro melhor para a América Latina

A América Latina, que compreende a quase totalidade das Américas do Sul e Central e México, constituída por vinte países, é uma região complexa, formada por países com distintos graus de crescimento e desenvolvimento econômicos. Embora existam diferenças entre si, seus membros compartilham semelhanças históricas e atuais. Do passado guardam aspectos como a colonização por países latinos como Portugal, Espanha e França, a agricultura como base daquele período, a utilização de mão de obra escrava e o tardio processo de emancipação, ocorrido sobretudo no século XIX. Atualmente, compartilham a dependência da exportação de commodities agrícolas e minerais, uma grande massa de população jovem e urbana, e alguns recentes avanços no que diz respeito à recuperação econômica e estabilidade democrática. Trata-se de uma região diversa, culturalmente rica, em que três se apresentam, para mim, como seus principais desafios. Primeiramente, a desigualdade social e econômica, marcada pela excessiva concentração de renda nas mãos de poucos e que transforma o mundo, nas palavras de Eduardo Galeano, na casa de poucos e no inferno da maioria. Em segundo, a educação inacessível e de baixa qualidade, que mina as chances de desenvolvimento e de rompimento de um ciclo que atravessa gerações. Por último, e intimamente ligado à desigualdade social e aos baixos índices educacionais, há o problema da política enquanto instrumento de poucos para a manutenção do *status quo*, e não como ferramenta da maioria para transformação da realidade.

Tenho 28 anos e, sem dúvida, a desigualdade social e econômica é o tema que mais me preocupa quando penso sobre meu futuro. Quando se trata da América Latina, e especificamente do Brasil que é o meu país, é triste constatar que as pessoas entram na vida por portas muito distintas; que a miséria é a porta de acesso de grande parte delas, e que muitas sairão pela mesma porta que entraram.

Acredito que eu e minha geração temos um papel importante na transformação dessa realidade, hoje e nos próximos dez anos. Primeiramente é preciso valorizar o processo de escolha de nossos representantes, para que tenhamos políticos melhores, mais éticos, responsivos às demandas dos cidadãos e voltados ao interesse coletivo. Em segundo, é necessário a conscientização sobre o papel e as responsabilidades de cada um de nós no mundo, para que deixemos de enxergar somente problemas e passemos a enxergar também as possibilidades de construção conjunta de soluções. Por

último, é importante que assumamos o protagonismo de nossa existência, de modo a não esperar respostas somente do Estado ou dos governos a nossos problemas.

Particularmente, tenho trabalhado há alguns anos com educação política de jovens e acredito que um país melhor, e uma América Latina melhor, se constroem com cidadãos mais politicamente educados e conscientes. Cada um de nós carrega consigo um sonho, uma estória e um imenso potencial de transformação.